

GÊNERO E SENSIBILIDADE NA COLÔNIA: UM ESTUDO DO CASO QUITÉRIA BANDEIRA DE MELO

Yara Michele dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba

Prof.Dr. Josemir Camilo de Melo
Orientador

RESUMO

Este estudo tem como objetivo contribuir para a escrita da História da Paraíba durante o período colonial através da personagem Quitéria Bandeira de Mello, acusada por um escravo de ter mandado assassinar o então Governador da Paraíba José Jerônimo de Melo e Castro no ano de 1770. Com base nos manuscritos da época através de leitura paleográfica (segundo Acioli) e análise crítica, bem como a partir das novas perspectivas e estudos acerca das práticas e do cotidiano da figura feminina dentro da história cultural, esta pesquisa possibilita dar visibilidade às relações de poder, sociabilidade e sensibilidade no “caso Quitéria”.

Palavras-Chave: História, Colônia, Gênero.

A maioria das sociedades ao longo de sua história nunca deu relevância à mulher. A ela sempre coube o papel apenas de senhora do lar, não sendo permitida ou naturalizada a sua atuação fora deste local e também devendo total subserviência a seu marido. Nos últimos anos os estudos relacionados a gênero permitiram demonstrar a construção de uma condição natural e biológica da qualidade feminina, utilizada para justificar a fragilidade, a submissão, a função de “rainha do lar”, ligada às amarras da maternidade, entre outros. O presente trabalho visa contribuir para demonstrar que não há uma homogeneidade no papel da mulher na história, especificamente na Paraíba nos tempos coloniais. Sabe-se que durante muito tempo a mulher se enxergava através do olhar masculino, pois ao longo do tempo os homens determinavam a forma de ser e agir do ser feminino, empregando uma dominação em torno desse ser. Essa cultura machista pendurou por séculos onde homens e mulheres tinham funções pré-estabelecidas, sem que as próprias mulheres se questionassem sobre isso, a autora Bonnie G Smith se refere sobre esse tema utilizando o termo “amadorismo”, também por que o trabalho feminino e sua profissionalização é uma relação pouco clara no campo historiográfico,

principalmente no que diz respeito a mulheres escrevendo sobre mulheres, esse trabalho contribui nesse sentido para a produção e discussão sobre as mulheres e as relações de poder estabelecidas sobre elas no Brasil e na Paraíba. Esta discussão é de suma importância para o estudo das mulheres, uma vez que, a insistência em percebê-las apenas a partir do viés patriarcal, acaba por anular a possibilidade de enxergá-las para além da inferioridade que lhes é veemente atribuída por este sistema. Suas experiências são narradas de forma que as universalizam, como se não possuíssem suas individualidades e seus próprios modos de ser, condizentes ao contexto histórico, social e cultural do qual fazem parte.

Quitéria Bandeira de Melo é uma mulher que viveu na Paraíba durante o século XVIII, a qual foi acusada pelo escravo Constantino de tê-lo mandado assassinar o governador da Paraíba Jerônimo José de Melo e Costa e seu secretário, motivo pelo qual Quitéria ficou cerca de oito anos presa na fortaleza das cinco Pontas, em Recife.

Esta história é encontrada em alguns processos da coleção de manuscritos avulsos da Capitania Real da Paraíba reunidos através do Projeto Barão do Rio Branco. São valiosos documentos advindos do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, Portugal.

Este estudo tem a finalidade de perceber as práticas, o cotidiano e formas de relacionamento da figura feminina e para com a figura feminina dentro das relações de poder da estrutura colonial da Paraíba. Entendemos, neste trabalho, como poder, não apenas o aparato legal, institucionalizado do sistema hierárquico, político colonial, mas um conceito mais amplo de poder, esfacelando nas contingências dos indivíduos, relações de poder que se entrecruzam em discursos e práticas, comportamentos, atitudes. Como analisa Michel Foucault, o Estado não é o único órgão central do poder, o que ele chama de microfísica do poder.

O modelo administrativo, social e cultural na colônia portuguesa na América é baseado no modelo patriarcal cristão, onde a mulher é naturalmente submissa ao homem, cabeça da família. *“O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade”*, utilizando aqui as palavras de Emanuel Araújo no livro História das Mulheres no Brasil. Um outro autor que nos ajuda nessa compreensão é Antônio Manoel Hespanha:

No conjunto habitual de planos de emergência das elites, as mulheres nunca se notavam. Não podiam deter cargos, raramente era por si mesmas ricas, poucas vezes se destacavam pela cultura.

Todas estes planos correspondem, de fato, a mundos masculinos, em que só vingavam as 'mulheres a viris', a partir de qualidades que eram masculinas (2005, p. 41).

Para nós, o “caso Quitéria” inicia-se com um ofício do governador da Paraíba Jerônimo José de Melo e Castro dirigido ao secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Sebastião José de Carvalho e Melo o conde de Oeiras (que virá a ser o Marquês de Pombal) com data de 10 de fevereiro de 1770. O ofício relata a confissão do escravo Constantino, pertencente ao Padre Antônio Bandeira de Melo, preso casualmente pelo ouvidor da comarca José Januário de Carvalho. O documento revela que o escravo havia sido incumbido de matar o Governador da Paraíba e seu secretário a pedido de sua Senhora Quitéria Bandeira de Melo irmã do referido Padre que, juntamente com o vigário Antônio Soares Barbosa, cooperaram para intentar contra a vida do Governador. A investigação consiste na transcrição desse ofício, segundo as técnicas de paleografia de Vera Lúcia Acioli, através de seu livro *A Escrita no Brasil Colônia*.

O que ocorre na verdade é que há uma conspiração contra a vida do Governador da Paraíba Jerônimo José de Melo e Castro que foi nomeado como Capitão – mor da Paraíba em 28 de julho de 1763. Melo e Castro não tinha a total jurisdição da capitania da Paraíba, por que havia sido anexado à Capitania de Pernambuco desde 1º de janeiro de 1755 conforme consta em Menezes 2005.

A origem da polêmica envolvendo Melo e Castro, o Padre Antônio Bandeira de Melo, sua irmã Quitéria Bandeira de Melo e o vigário Antônio Soares Barbosa pode ter sido o fato citado por Mariano, a autora relata que o Capitão–mor (Melo e Castro) sofria com as intrigas feitas pelo vigário da cidade, Antônio Soares Barbosa, ao Capitão-general de Pernambuco, é que este havia concedido ao vigário o direito de indicar o capelão da fortaleza de Cabedelo, mas, na verdade, quem deveria fazer a indicação era o Capitão–mor da Paraíba. O contemplado foi o Pe. Bartolomeu de Brito Baracho que se juntou ao vigário nas afrontas à autoridade de Melo e Castro. A disputa pelo poder local era acirrada, e passava pelo poder secular, estatal, pelo poder dos clérigos e sua influente posição na sociedade e o poder das famílias. Nesse contexto:

O Capitão General de Pernambuco teria recebido do vigário da Paraíba como presente, algumas moedas de ouro, e atendia sempre as

solicitações das famílias que detinha o poder de mando na capitania, sendo os Bandeiras de Melo uma destas famílias. Foi nesse grupo familiar que o vigário da capital se apoiou (MARIANO, 2005, p. 9).

Os primeiros Bandeira de Melo teriam chegado à Paraíba, com Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, em 1535. Há vários registros dos Bandeira de Melo na historiografia local ocupando cargos opcionais e sabe-se que era através de alianças que os Bandeira e Melo mantinham-se nos cargos privilegiados na colônia. É nesse contexto de disputa pelo poder e conflitos de interesses que é tramado o assassinato do Governador Melo e Castro.

O Governador da Paraíba envia ao Bispo de Pernambuco uma carta relatando as “perturbações” causadas pelos referidos clérigos. Em resposta, o Bispo manda prendê-los, mas os religiosos desobedecem e vão refugiar-se numa casa Padres Congregados de Pernambuco. Nestas circunstâncias, o Governador pede a punição do padre Antônio Bandeira de Melo, do Vigário Antônio Soares de Bandeira e Quitéria Bandeira de Melo e que seja de forma exemplar como escreve o próprio Governador: *“para que não se atrevam a ultrajar e conspirar contra vida dos que tem aventura de servir a vossa Majestade”* .

Como resultado da denúncia do escravo, a trama para assassinar o Governador foi descoberta e como resultado obteve-se o afastamento dos clérigos e a prisão de Quitéria Bandeira de Melo, deste caso, a única pessoa a ser presa de fato foi Quitéria, pois até o escravo que, inicialmente, havia sido preso, tinha ganhado a liberdade. Quitéria permaneceu cerca de oito anos na prisão na Fortaleza dos Cinco Pontas, em Recife. Ela era uma mulher solteira embora acusada de ser “amásia” do vigário Antônio Soares de Barbosa, conforme consta no ofício de 20 de abril de 1770 do Governador Jerônimo José de Melo e Castro, e residia com seu irmão o Pe. Antonio Bandeira de Melo.

Mas afinal quem era Quitéria, e o que fazia? Faria ela parte das “mulheres viris”, citada por Hespanha, em meio à sociedade de moldes patriarcais? Outro “agravante” da figura de Quitéria perante a sociedade daquele momento será o fato de não ter constituído família, *“na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher”* (ARAÚJO, 1997, p. 45). Quitéria desafia os padrões morais e habituais da sociedade, que segundo Araújo, *“as mulheres, então, ou se submetiam aos padrões misóginos impostos, ou reagiam como exercício da sedução (também de varias formas e*

em diversos níveis) e da transgressão” (1997, p. 65). Quitéria, em nome da sua (suposta?) relação com o padre manda matar o Governador.

Então oito anos depois de sua prisão (1770-1778). Quitéria requer junto a Rainha Dona Maria I sua liberdade, afirmando que se considerava inocente e após receber o veredito a “*dita se afastou da prisão*”, como consta no processo.

Este estudo ainda se encontra em andamento, devendo ser completado por uma pesquisa mais aprofundada no campo epistemológico dos saberes sobre gênero e a história das mulheres, a fim de contribuir para a escrita da história da Paraíba colonial, utilizando os manuscritos da época como fonte primária de informação a respeito de Quitéria Bandeira de Melo, através de um enfoque atual que é a discussão sobre a mulher e sua posição na sociedade ao longo da história.